

# O que causa o mau cheiro do Dilúvio

Problema deve estar ligado a excesso de material orgânico que, combinado com o calor, torna ambiente hostil aos cardumes



Barreira retém resíduos da superfície e matéria orgânica, impedindo seu escoamento

**BRUNA VARGAS**  
bruna.vargas@zerohora.com.br

Que o Arroio Dilúvio agoniza com a poluição não é novidade. Mas, mesmo para quem se acostumou a ver o curso d'água castigado, o cenário que predomina nos últimos dias é impactante: centenas de peixes mortos boiando e um forte odor no trecho próximo à Avenida Praia de Belas chamam a atenção de quem circula pela Avenida Ipiranga. A situação também intrigou o poder público, que, na última terça-feira, coletou água na altura do cruzamento para tentar explicar o fenômeno.

O resultado das amostras deve levar 10 dias para chegar à Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Smams). Se ainda não é possível dizer o que leva à mortandade de peixes e o cheiro ruim parecerem mais intensos que em anos anteriores, a origem do problema, segundo pesquisadores, tende a ser a mesma de outros tempos. O excesso de material orgânico que consome oxigênio do arroio, combinado com o calor, torna o ambiente ainda mais hostil aos cardumes no córrego.

– Existem peixes mais rústicos, como o jundiá, que costumam resistir bem a baixas concentrações de oxigênio. Mas mesmo

esses estão morrendo – observa o diretor do Instituto de Meio Ambiente da PUCRS, Nelson Ferreira Fontoura.

Ele explica que o Dilúvio tem um problema crônico de lançamento de esgoto cloacal que chega tanto pela rede mista – que representa pelo menos um quarto da carga que ingressa no Dilúvio – quanto in natura, de áreas irregulares. Quando o nível da água está baixo, e o clima, mais quente, o oxigênio também diminui, e algumas espécies não resistem.

## GAUCHARZH. Mapeamento

Desde junho, a PUCRS realiza o monitoramento da qualidade da água no local, e há previsão de um trabalho de mapeamento dos emissores de resíduos, que poderá servir como base para a elaboração de políticas públicas de regularização fundiária e saneamento. Até então, as análises não fogem do padrão. Segundo o professor, um dia antes da primeira leva de peixes mortos aparecer no arroio, em novembro, foi feita medição que indicou níveis semelhantes às coletas realizadas em meses anteriores:

– Nossas análises, em geral, são feitas com material coletado pela manhã. Mas à noite tudo pode mudar, porque é quando há maior consumo de oxigênio por algas, bactérias e peixes.

Conforme Fontoura, um paliativo para o problema, que se intensifica nos meses de calor, seria o conserto de barragens danificadas ao longo do arroio. Segundo ele, as estruturas ajudam na oxigenação da água ao longo do dia. Questionada sobre o assunto, a prefeitura não soube informar qual o setor responsável pelas barragens.

Já a solução definitiva levaria tempo e custaria caro. Somente para universalizar o tratamento de esgoto, que hoje é de 56%, teria de ser investido R\$ 1,3 bilhão – haveria ainda questões ligadas à regularização fundiária, responsável por parte significativa dos descartes. Em entrevista ao programa *Gaúcha+* na tarde de sexta-feira, o secretário de Serviços Urbanos, Ramiro Rosário, disse que o poder público aposta na parceria com a iniciativa privada para agilizar o processo.

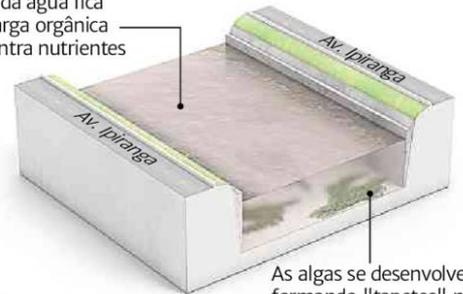
– Estamos formatando com o BNDES uma concessão relativa ao esgoto para ver como poderia ser implementado – disse.

## Onde fica



## O processo biológico

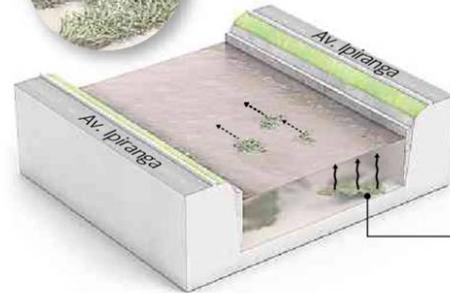
Quando o nível da água fica mais baixo, a carga orgânica no arroio concentra nutrientes para as algas



As algas se desenvolvem, formando "tapetes" no leito

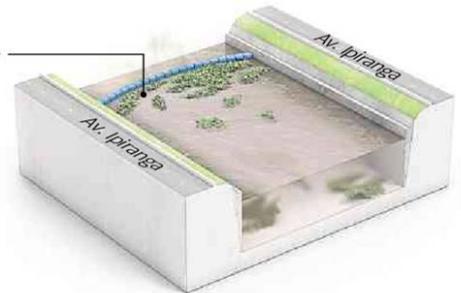


Ao fazerem fotossíntese, produzem bolhas de oxigênio que ficam retidas entre os filamentos



Quando se acumulam, o tapete fica menos denso e se desprende do fundo, descendo o arroio em direção ao Guaíba

As algas na superfície se acumulam nas proximidades da ecobarreira onde, expostas ao calor, morrem, liberando um cheiro ruim



## Algas ficam na ecobarreira

Responsável por recolher mais de 700 toneladas de lixo que iriam parar no Guaíba nos últimos três anos, a ecobarreira localizada junto à foz do Dilúvio é o ponto mais mal-cheiroso do arroio. Isso porque a estrutura, que segura os resíduos da superfície, acaba segurando também a matéria orgânica, impedindo seu escoamento.

– A ecobarreira retém resíduos que flutuam, e isso inclui o lodo, de modo que as pessoas vão sentir de forma mais intensa os efeitos do odor desagradável naquele ponto. Seria possível liberar a passagem, como se ela não existisse, para tentar dissipar. É uma alternativa cômoda, porque nos livramos do mau cheiro, mas os resíduos iriam junto – explica Gino Gehling, professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS.

Para minimizar os efeitos do acúmulo de material, a Safeweb,

empresa que administra a estrutura, tem realizado a abertura parcial da barreira. Das 7h às 19h, uma das três partes do suporte é liberada para o escoamento do lodo, e dois funcionários pinçam o lixo para que não chegue ao Guaíba.

– Aparece todo verão, mas não como está agora. Em outros anos, a faixa de lodo tinha poucos metros, agora passa da (Avenida) Borges (de Medeiros). Nunca tinha acontecido – observa Arno Zancanella, responsável técnico pela ecobarreira.

Conforme Gehling, mesmo a liberação total da barreira não seria garantia de solução. Sem chuva, os resíduos poderiam apenas se deslocar para perto da margem do Guaíba, infestando, por exemplo, a Orla Moacyr Scliar. A prefeitura diz que está em contato com a área técnica da Safeweb e irá avaliar a necessidade de abertura do trecho.